

# A teimosia dos Tapirapé

Era uma vez um coronel bonzinho e uma tribo de índios maus e egoístas. O coronel bonzinho era presidente da Funai e ia demarcar a reserva dos índios maus. Nessa reserva tinha 13 famílias de posseiros morando dentro. Tinha também um pedaço onde o bondoso fazendeiro havia plantado capim para dar de comer a suas vaquinhas (30 mil vaquinhas, mais ou menos). Então, o coronel bonzinho chamou os chefes dos índios maus e, delicadamente, lhes disse assim:

— Olha, eu vou dar para vocês mais 30 mil hectares de terras maravilhosas e vocês, então, deixam para fora da demarcação esses quatro mil miseráveis hectares onde vivem os pobres posseiros, e também o pasto velho e pasteado das vaquinhas do bondoso fazendeiro. Vocês aceitam a troca?

Então os índios maus disseram:

— Nada disso, meu chapa. Nós somos maus e egoístas e queremos tudo para nós. Ficamos com os 30 mil hectares mas não vamos ceder o pasto nem a área onde estão os posseiros.

O coronel bonzinho pensou, então, que os índios, além do mais eram burros, e que só podia ter alguém botando essas idéias ambiciosas nas cabeças deles. Dito e feito: ele logo descobriu umas monstras terríveis e malvadas, que comiam crianças, e que estavam enchendo a cabeça dos índios maus de idéias ainda piores.

Aí o coronel disse:

— Assim eu não brinco mais. Ou vocês aceitam brincar do jeito que eu quero, ou então vocês vão sair perdendo.

Essa fábula não faz parte de nenhum Moronguetá e, aliás, não é tão fabulosa assim. Aliás, é muito real e, sobretudo, muito atual. Dramaticamente atual, urgente. Do modo como foi contada acima, ela tem sido "vendida" para a imprensa burguesa, que passa para consideráveis setores da opinião pública essa imagem arcangélica do coronel Nobre da Veiga e da Fazenda Tapiraguaiá, e a imagem torpe e cruel do povo Tapirapé e das Irmãzinhas de Jesus, missionárias que há 30 anos estão encarnadas na vida e na cultura dos Tapirapé.

(Aliás, essa estória fabulosa foi também contada dia 31 de agosto por outro coronel, o Curió — Sebastião Rodrigues de Moura — que, ao desistir de forçar os colonos sem-terra de Ronda Alta-RS, a migrarem para a Bahia, saiu com pedras na mão contra a Igreja dos Pobres. Sobrou até para as Irmãzinhas de Jesus, distantes 3.500 km, no Mato Grosso, e até mesmo para Dom Moacyr Grechi, a mais de 5 mil km, no Acre).

O povo Tapirapé vive no município de Santa Terezinha, Nordeste de Mato Grosso, próximo à foz do rio Tapirapé, que desemboca no Araguaia.

## RECUPERANDO-SE

Hoje existem 180 Tapirapé. A população cresce. Em 1952, quando ali chegaram as Irmãzinhas, restavam apenas 50, muitos deles doentes, dos cerca de 1.500 que habitavam aquela vasta região, no início do século. Eram então, cinco aldeias florescentes, que foram sendo progressivamente dizimadas pelas doenças levadas pelo branco, que penetrava aventureiramente naquela região, e também pelos choques com os *Txukahamae* (Kaiapó), tradicionais inimigos dos Tapirapé.

A ressurreição daquele povo teve início exatamente a partir da chegada das Irmãzinhas, que empreenderam um trabalho missionário diferente do que existia até então no Brasil. Seguindo o espírito de seu fundador, Irmão Carlos de Foucauld, elas não se propunham a catequizar os Tapirapé, mas partilhar com eles toda a vida, particularmente no trabalho.

Aos poucos, o povo Tapirapé foi se levantando: crianças nascendo, a economia se reestruturando, a cultura sendo recuperada e fortalecida. A partir de 1964, porém, começam a chegar os primeiros posseiros, ocupando uma área bem próxima à aldeia, chamada Cadete. A Fazenda Tapiraguaiá, do Grupo Medeiros/Carneiro, de São Paulo, instala-se na região a partir de 1966. Sua sede foi construída a uns 20 quilômetros da aldeia, mas a área pretendida pelos fazendeiros invadia a quase totalidade do *habitat* tapirapé.

Muito espertamente, para "legitimar" sua invasão, a Tapiraguaiá tentou, em julho de 1967, confinar os Tapirapé: com o maior cinismo, os tubarões José Augusto Leite Medeiros e José Carlos Pires Carneiro fizeram um acordo com o responsável pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que antecedeu a Funai, na área, Ismael da Silva Leitão, "doando" aos índios uma área de 9.230 hectares. É claro que eles simplesmente ignoraram essa ridícula "doação" de uma terra que já era deles.

## ANTIGAS REIVINDICAÇÕES

Até 1974, os Tapirapé mandaram à Funai nada menos que cinco vezes, suas propostas de demarcação de área. Nunca viram resposta. A partir de 1975, começaram a se intensificar os conflitos, embora a Funai sempre protegesse a Tapiraguaiá. Dentro da área demarcada até setembro de 1978, ficaram dois pastos que a Tapiraguaiá formara recentemente, invadindo as terras indígenas e tentando estabelecer um fato consumado com o crescimento do capim. Ficou também a área do Cadete, onde haviam instalado as 13 famílias de posseiros.

## BOLETIM DO CIMI

INFORMATIVO DO CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

CAIXA POSTAL - 1071

74.000 - GOIANIA - GO - BRASIL

### NESTE NÚMERO:

- EDITORIAL: Preparando a Assembleia .....	p 3 a 4
- Da Assembleia de Rio Branco nasce um novo Regional .....	p 5
- Documento Final da Assembleia de Rio Branco .....	p 6 e 7
- Diário de Uma Revolta .....	p 8 a 11
- Nota da Diretoria do CIMI .....	p 12 e 13
- CLAMOR - Assembleia Indígena do Arica .....	p 14 a 16
- Genocídio Paraguai .....	p 16 a 18
- O Discurso Feito e o Discurso Recebido .....	p 19 a 21
- Carta da Diretoria do CIMI à Conferência Episcopal Paraguai .....	p 22 a 24
- EVANGELIZAÇÃO - Culturas Indígenas e Evangelização .....	p 25 a 32
- NOTÍCIAS .....	p 33 a 36
- A PALAVRA DO LEITOR .....	p 37 a 39

### Boletim do CIMI

Assinatura - Cr\$ 300,00 - Nacional	U\$ 15,00 - Exterior
Avulso - Cr\$ 40,00	

CAPA: Desenho TAPIRAPÉ

Redação e Edição: Maria Cristina Pedro Terra

**DORANTIM**

UM JORNAL-DENÚNCIA QUE REVELA A REALIDADE DOS ÍNDIOS.



Assinaturas: Cx. postal 58041 - São Paulo  
CEP-01397 - Conta Bancária Banespa: 250-13-00340-6  
Estado de S.P. Cr\$ 700 anual - Cr\$ 1 mil (anual aérea) (os demais Estados)  
Assinatura de apoio - Cr\$ 1.500  
Coleção encadernada Janeiro/Dezembro 1980 Cr\$ 1.500 (porte incluído)

Se a convivência entre índios e sertanejos não tinha, até então, apresentado grandes problemas, era necessário, numa demarcação definitiva, uma solução também definitiva: afinal, estavam no Cadete os lagos onde os Tapirapé fazem periodicamente os tradicionais Ximapo (pesca com timbó); além disso, começavam a surgir casos de bebedeiras e brigas em forrós realizados pelos posseiros. A solução para eles deveria ser dada pelo Inca, reassentando-os em outra área. A Tapiraguaiá não respeitou a demarcação feita pelos índios, continuando a colocar gado nos pastos.

## MATANÇA DE RESES

Em janeiro de 81, alarmados com a notícia de que o coronel Nobre da Veiga teria entregue a área para a Tapiraguaiá, os Tapirapé vão ao pasto e abatem mais sete reses. O diretor do Parque do Araguaia, ex-sargento Temponi, aparece no dia seguinte ao fato, e leva quatro líderes a Brasília. No gabinete do presidente da Funai, então, é assinado um compromisso de que os Tapirapé aguardarão, pacificamente, a demarcação, fixada pela Funai até o prazo de 30 de julho.

Era apenas um jogo de espera e cansaço. Em maio, uma comissão do DGPI vai à aldeia, ouvindo os índios. Mais uma vez, eles mantêm uma firme posição: não abrem mão da área invadida pela fazenda e marcam prazo até maio de 1982 para a retirada dos posseiros. Essa comissão da Funai amplia a área de pesca do sul da área já demarcada pelos Tapirapé, designando-a como área Karajá. São os 30 mil hectares anunciados como aumento de área pelo coronel da Veiga: terras inundadas, que servem para os Karajá pescadores, mas que em nada beneficiam os Tapirapé agricultores. Com esse "laço", a Funai tentava amarrar os Tapirapé para que abrissem mão dos pastos e da área do Cadete.

Um parêntese para uma pergunta: por que a Tapiraguaiá e sua procuradora, a Funai, estavam tão interessados em que os posseiros permanecessem na área indígena? Compaixão pelos pobres agricultores? Seria muita ingenuidade acreditar nisso, sobretudo quando se sabe que os mesmos tubarões, Medeiros e Carneiro, estavam há vários anos expulsando posseiros de áreas litigiosas junto a outras de suas fazendas, na mesma região. O que a Tapiraguaiá pretendia era abrir um flanco dentro da reserva, bem próximo da aldeia, usando como ponta de lança os posseiros. Estes, uma vez titulados, poderiam facilmente ser convencidos a vender a terra — excelente para a agricultura, aliás — para a própria Tapiraguaiá.

Vencendo o prazo dado pela própria Funai, os Tapirapé mandam suas lideranças a Brasília, dia 28 de julho. Encontram-se com vários coronéis da cúpula, inclusive o presidente, e cobram a demarcação. Nobre da Veiga tenta, de todas as formas, convencê-los a ceder à absurda proposta. Alguns trechos da entrevista, segundo relato do cacique Xywäeri:

— O Awäetekato'i disse pro presidente: "Olha, por que o branco da cidade, fazendeiro, fica na área dos índios? Podia ficar na cidade, que já acostumou ficar na cidade".

— O branco vem aqui pra produzir — disse o presidente.

— E nós, não pode produzir? — eu disse. E ele não falou nada, depois.

— O Governo que vendeu esta área pra fazenda — disse o presidente. A área de vocês é demais. Tem 60 mil hectares esta área de vocês.

— Você acha que é muito esta área? — eu disse.

— Eu acho — ele disse. É muito mesmo.

— E sete áreas da fazenda, você acha pouco? — eu disse pra ele. (referência ao total das propriedades do grupo na região, equivalente a sete vezes a área Tapirapé). Qual é que tem área demais, então: nós ou a fazenda?

— É da fazenda, mas é tudo registrada, documentada, tudinho — ele disse. Mas a de vocês não está registrada, nada, não está documentado. Então, a de vocês tem que tirar.

— Não sei não — eu disse. Sozinho eu não decido nada.

— Mas comunidade podia respeitar você, que é chefe — ele disse. Você é líder da aldeia. É como eu, presidente da aldeia. Então a comunidade podia respeitar você. Vamos resolver por aqui, que nós podemos resolver loguinho esta área para você.

— Mas isso é a lei do branco — eu disse pra ele. Eu não posso fazer assim com meu pessoal. Lei de índio é diferente de lei de branco. É assim a lei do índio. Você não sabe nada de lei do índio. Você quer entender, mas não entende — eu disse pra ele.

A conversa seguiu por aí. Nobre da Veiga dizendo que os índios estavam sendo teleguiados pelas Irmãzinhas (acusação que repetiu depois à imprensa), e ameaçando com intervenção da Polícia Militar na área indígena. A resposta de Xywäeri a acusação de que os Tapirapé estariam pensando pela cabeça das Irmãzinhas:

— Eu estou com a minha cabeça — disse Xywäeri. Você sempre fala assim. Pensa que elas tão dando ideia pra nós. Eu também penso assim de vocês: quem está dando conselho pra vocês: a fazenda? Eu também penso assim.

De volta à aldeia, os Tapirapé receberam a visita solidária de três líderes, dos Pareci, dos Iranxe e dos Erikbatsa. E combinaram um encontro com outras lideranças, em Brasília, dia 31 de agosto último, quando voltariam a procurar a Funai.

Antonio Carlos Moura

CREDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dorantim

Data: 09/81

Class: 5

Pg: 5